

**O EMPREGO DAS ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO,
MODELOS DE ESPAÇOS MENTAIS E A RECATEGORIZAÇÃO
EM PROPAGANDAS POLÍTICAS²²**

Mariana Rodrigues Ferreira Fantinelli (UEL)

mariana.rffantinelli@uel.br

Edina Regina Pugas Panichi (UEL)

edinapanichi@sercomtel.com.br

RESUMO

No decorrer deste artigo serão investigadas estratégias concernentes ao campo da Linguística Cognitiva e Linguística Textual, com o objetivo de analisar os elementos lexicais utilizados em propagandas políticas escritas nos anos 1945 e 1950, as quais visavam convencer o leitor/eleitor a escolher o candidato Brigadeiro Eduardo Gomes como melhor opção para ocupar o mais alto posto da democracia brasileira, a cadeira de Presidente da República. A análise demonstra que o emprego de uma expressão, em detrimento de outra, não é casual ou escolhida por uma questão estética, mas visa encorpar a argumentação. Os recursos linguísticos empregados em maior escala nos textos ativam a operação mental (cognição), que opera integrando o meio físico, psíquico, social e cultural, além de propiciarem ativações e reativações nos interlocutores, proporcionando aquisições de conhecimentos, aplicação de conhecimentos prévios/enciclopédicos e constantes retomadas/ancoragens que favorecerão o entendimento plena da mensagem que se quer comunicar.

Palavras-chave:

Recategorização. Referenciação. Modelos de espaços mentais.

ABSTRACT

Throughout this article, strategies concerning the field of Cognitive Linguistics and Textual Linguistics will be investigated, with the purpose of analyzing the lexical elements used in political advertisements written in 1945 and 1950, which aimed to convince the reader/elector to choose the candidate Brigadeiro Eduardo Gomes as the best option to occupy the highest post of Brazilian democracy, the President of the Republic. The analysis shows that the use of one expression, in detriment of another, is not casual or chosen for aesthetic reasons, but aims to strengthen the argumentation. The linguistic resources employed on a larger scale in the texts activate the mental operation (cognition), which operates by integrating the physical, psychic, social and cultural environment, in addition to providing activations and reactivations in the interlocutors, providing knowledge acquisitions, application of previous/encyclopedic knowledge and constant resuming/anchoring that will favor the full understanding of the message one wants to communicate.

Keywords:

Recategorization. Referencing. Mental space models.

²² O texto se refere à uma Comunicação, que foi apresentada no XV Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos do CiFEFiL.

1. *Linguística Cognitiva*

A relação entre homem e mundo pode ser medida pela cognição, ou seja, relacionamos nossas vivências e experiências por meio de interações sensorio-motoras entre cérebro, corpo e ambiente. Estamos diante da corporificação da mente. Dito isto, é possível compreendermos que o processamento cognitivo não se limita apenas à atividade neuronal do/no cérebro.

Construímos nossa aquisição de sentido aliando três dimensões: “cérebro, corpo em ação e interação entre organismo-ambiente”, de acordo com Johnson (2007, p. 115), que continua afirmando que “se abrimos mão de uma dessas dimensões, não há emergência de sentido”. A mente opera integrando o meio físico, psíquico, social e cultural.

As bases teóricas do campo da Linguística Cognitiva (doravante LC) surgem com os estudos de Lakoff e colaboradores, a partir da década de 80 do século passado. É considerada “uma jovem ciência”, porém, revolucionária, no sentido de reformular entendimentos sobre a cognição e sobre o fazer/pensar a Linguística. Conforme Cordeiro (2022),

[...] a visão de cognição que nos interessa é a visão corporificada (*embodied*). Estudos no âmbito das ciências cognitivas, especificamente na neurociência, vêm corroborando evidências para uma visão integrada da interação entre cérebro/mente/corpo/mundo no surgimento de comportamentos cognitivos altamente adaptáveis, ecologicamente situados. (CORDEIRO, 2022, p. 4)

É possível depreendermos que os componentes da LC – cognitivo e social – são inseparáveis. Para que haja cognição, as entidades social e cultural devem estar inerentemente ligadas. Só poderá haver plena compreensão comunicativa quando houver interação entre as práticas comunicativas e os participantes do processo, a fim de que haja compatibilidade de propósitos mentais, ou seja, a representação mental emergirá a partir do corpo. Podemos exemplificar a partir da seguinte situação:

Movemo-nos de um lugar para o outro com alguns propósitos em mente, isto é, na intenção de satisfazer alguma(s) de nossas necessidades. Desviamos-nos de objetos para não nos machucarmos e evitar danos ao nosso corpo, portanto, de certa forma, interagimos com o ambiente. Esta é a razão pela qual o corpo assume extrema importância na representação do mundo (CORDEIRO, 2022, p. 6)

Para fora dos liames da LC, a noção de cognição é abordada em seu sentido dicionarizado. De acordo com o Dicionário Houaiss, cognição é “ato ou efeito de conhecer; processo ou faculdade de adquirir um

conhecimento” (HOUAISS; VILLAR, 2008, p. 167). Grandes nomes dos estudos linguísticos também se debruçaram sobre a conceituação de cognição. De acordo com os estudos piagetianos, o desenvolvimento cognitivo está atrelado à ação e às funções lógicas, e a aquisição de conhecimentos é formada por quatro estágios. Já para Vygotski, a cognição engloba um viés sociocultural, relacionando fortemente o ambiente e as interações.

A LC, em partes, rompe com o senso comum ao formular cognição a partir da seguinte montagem: aquisição de conhecimentos + conjunto de habilidades cognitivas + corporificação, incluindo a ideia de união do social e do cultural. Dois pontos devem ser contemplados quando se diz que a cognição é corporificada ou situada: a) um corpo tem várias experiências e capacidades sensório-motoras e b) essas capacidades e experiências sempre estarão situadas em contextos biológicos, psicológicos e culturais abrangentes. É certo, portanto, afirmar que

[...] do ponto de vista da cognição, o indivíduo não seria apenas um elemento pertencente a um conjunto de outros indivíduos com quem convive mais ou menos de perto, mas sim um elemento que se constitui, subjetiva e socialmente, pela relação que mantém com os outros indivíduos, com as trocas simbólicas que com eles estabelece e pelas experiências sensório-motoras, que, sempre mediadas pelo simbólico (logo, pelo outro), servem de matéria-prima para conceptualizações (“distribuídas”) de suas experiências (CORDEIRO, 2022, p. 20)

Em linhas breves, compreendemos que a LC concebe o significado como construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação e dos conhecimentos enciclopédicos e conhecimentos de mundo adquiridos, compartilhados e armazenados pelos indivíduos, uma vez que a experiência (empirismo) é elemento central para a corporificação mental.

2. Estratégias de referência, modelos de espaços mentais e a recategorização

A referência tem sido estudada pela Linguística Textual como estratégia mantenedora da coesão textual, pois o fenômeno envolve, também, a ativação de processos cognitivos garantidores de plena significação textual.

Sendo um campo de estudo da Semântica Cognitiva, é importante comprovar que os itens lexicais nominais podem ativar conexões

cognitivas diversas ao serem relacionadas a um mesmo referente. Teixeira (2010) confirma que, por meio da referência,

[...] o discurso constrói os “objetos” a que faz remissão, ou seja, os referentes não são “coisas” do mundo real, mas representações cognitivas compartilhadas pelos interlocutores. Referir não é um processo de “etiquetar” o mundo, mas uma atividade em que os referentes passam a ser “objetos do discurso”. (TEIXEIRA, 2010, p. 129)

É fundamental compreender o importante papel que a linguagem exerce sobre a ativação das estruturas mentais “abstratas, pré-existentes, provenientes de experiências perceptuais e culturais” (ALMEIDA, 1998, p. 254), intituladas, por Lakoff e Johnson, (2002) como Modelos Cognitivos Idealizados (MCI). Para serem operados, dependem que o indivíduo lance mão de uma estratégia comunicativa, dependente de um contexto, a fim de que a pista linguística desencadeie processos de inferência que geram representações evocáveis, ou seja, processos de significação e sentido, legitimados dentro de “uma moldura comunicativa determinada de significação relevante” (MIRANDA, 2000, p. 34).

Para que possamos interpretar adequadamente um texto, é necessário que façamos diferenciações, associações e correlações, já que interpretar tem relação com a percepção de quais espaços de referenciação as formas linguísticas estão ligadas, além de associar a elas o acervo de experiências que nos constituem.

Marcuschi (1999, p. 6) corrobora a ideia ao dizer que “produzir um texto é oferecer espaços sociocognitivos mediante processos de enunciação seletivos e enquadres (*frames*) que geram inferências (novos espaços mentais) mediante integração de conhecimentos (*blending*)”. Assim, podemos compreender que a produção e a compreensão de um texto dependerão de domínios cognitivos organizados e interligados, de forma hierárquica, também socialmente compartilhados. Este fato é interessante porque, se não cumprido, resultará nos maus entendidos, que nada mais são do que a efetuação de conexões distintas entre os interlocutores, já que não houve ou não foram estabelecidas as interpretações adequadas, havendo a ruptura dos espaços mentais que deveriam ter sido ativados.

Voltando à estratégia de referenciação, esta pode ser marcada como forte elemento de progressão textual, responsável por introduzir, identificar, preservar, continuar ou retomar referentes textuais. A conexão entre informações textuais e os elementos inferidos mediante processo de associação permite uma visão mais ampla da estratégia em jogo no ato da análise textual.

Koch (2001, 2002) aborda as principais estratégias de referenciação textual, quais sejam:

- a) introdução – ainda não houve menção ao referente e ele é introduzido;
- b) retomada – um nóculo já presente na memória discursiva é reintroduzido por meio de um referente, ou seja, há a reativação da imagem mental;
- c) desfocalização – um novo objeto do discurso é introduzido e há a mudança de foco do objeto anterior, mas este continua sendo ativado parcialmente;
- d) estratégia de nominalização ou rotulação – consiste em uma operação discursiva que refere, por meio de um sintagma nominal, um processo ou estado significado por uma proposição que, anteriormente, não tinha o status de entidade;
- e) estratégia de anáfora associativa – introdução de um novo referente por meio da relação que o elemento tem com outro já referenciado;
- f) estratégia de anáfora indireta – decorre de inferências construídas nos espaços mentais, ancoradas no texto, facilmente compreendidas pelo contexto imediato;
- g) estratégia de descrição definida ou o uso de expressões nominais definidas – formada por um determinante definido – artigo definido ou pronome demonstrativo – que acompanha um nome;
- h) estratégia de uso de expressões nominais indefinidas – formada por determinantes indefinidos.

Estas formas referenciais desempenham papel de extrema importância com relação aos estudos cognitivos e ao processamento textual, pois são formas de lembrar elementos anteriormente apresentados, sugeridos pelo contexto ou inferidos por ele, possibilitando a (re)ativação pelo interlocutor, ou seja, gerando espaços mentais que exigem a atividade cognitiva e não apenas a correspondência entre os termos.

Ao atrelarmos os pressupostos da Linguística Textual com a LC, podemos notar que o processo de recategorização está relacionado não apenas aos aspectos textuais-discursivos, mas também aos aspectos

cognitivos-discursivos, uma vez que seu entendimento pode se dar nas linhas superficiais e/ou pode ser encontrado na exterioridade, por meio das pistas linguísticas. Cavalcante (2005) corrobora tal posicionamento, dizendo que

[...] a “recategorização” é, por definição, uma alteração nas associações entre representações categoriais parcialmente previsíveis, portanto, em nossa visão pública de mundo. A menor ou maior desestabilização da categoria em mudança é o próprio traço, explícito ou implícito, que define a recategorização de um referente, quer tenha ele já sido introduzido no discurso para ser transformado, quer não tenha sido e se recategorize apenas mentalmente, no próprio momento em que o anafórico remete indiretamente à sua âncora. (CAVALCANTE, 2005, p. 132)

Será possível perceber, nos textos selecionados, o processo de recategorização desencadeado após a apresentação do referente e a sua construção evolutiva a fim de favorecer a coesão textual, dadas as idas e vindas que o texto permite que o interlocutor faça.

3. *Análise do corpus*

O primeiro recorte foi escolhido e retirado da Seção Livre do *Cambará Jornal*, semanário independente e de defesa dos interesses de Cambará e do Norte do Paraná, datado de 19 de agosto de 1945, publicado aos domingos, tendo por diretor-proprietário, responsável e gerente, o senhor Manoel Henriques.

Esta seção foi assinada por Arthur Bernardes, ex-presidente da República entre os anos 1922–1926 e ex-presidente das Comissões Executivas do Partido Republicano Mineiro (PRM), da União Democrática Nacional (UDN) e do Partido Republicano (PR).

O segundo fragmento foi retirado do jornal *Cidade de Cambará*, datado de 20 de agosto de 1950, dirigido pelo Dr. Hermínio Mélo, com redação de L. Tavares. O periódico trazia em suas colunas notícias que informavam a população local sobre os acontecimentos políticos, informes sobre produtos e comunicados de compra e venda, fichas semanais do caixa da cidade e, em destaque, a propaganda eleitoral a favor da eleição de Eduardo Gomes para o cargo de Presidente da República.

O contexto sociopolítico das campanhas políticas pode ser explicado, em linhas gerais, a partir do recolhimento dos seguintes dados: em 07 de setembro de 1944, Getúlio Vargas, então Presidente da República do Brasil, acena a perspectiva da realização das eleições após o final da

Segunda Guerra. Nas semanas que se sucederam, junto de Arthur Bernardes, passa a articular a candidatura do major-brigadeiro Eduardo Gomes para ser seu sucessor na presidência. Em 22 de fevereiro de 1945, o jornal *O Globo* lança publicamente a candidatura de Eduardo Gomes. No dia 28 do período corrente, Vargas assina a Lei Constitucional nº 9, prevendo as eleições gerais e, em março de 1945, lança a candidatura oficial à presidência de seu ministro de Guerra, Eurico Gaspar Dutra.

Em torno da candidatura de Eduardo Gomes, foram se juntando participantes dos diversos movimentos e ações contra o Estado Novo, que tinham progressivamente ganhado alento desde a entrada do Brasil na guerra. Essa aglutinação tomou corpo a partir de fins de fevereiro, incorporando lideranças dos antigos partidos estaduais, e desembocou na criação da União Democrática Nacional (UDN), que realizou sua primeira convenção nacional em 07 de abril de 1945.

Com a publicação do código eleitoral, em 28 de maio do mesmo ano, Bernardes e outros líderes de antigos partidos republicanos estaduais perceberam que poderiam preencher os requisitos para a constituição de uma organização autônoma. Na segunda reunião do diretório nacional udenista, que foi realizada em 14 de agosto e começou sob a presidência de Bernardes, ele anunciou a criação do Partido Republicano (PR) e o consequente desligamento de sua facção da UDN, juntamente com o dos antigos partidos republicanos de São Paulo, Maranhão e Pernambuco, e o da corrente dirigida por Afonso Camargo, no Paraná. O PR se considerava aliado da UDN na campanha pela redemocratização do país e pela candidatura de Eduardo Gomes. Em 15 de outubro, Bernardes foi designado para presidir o partido – de pequena expressão nacional, mas a terceira força da política mineira entre 1945 e 1958 –, o que iria fazer ininterruptamente até sua morte, em 1955.

Nas eleições realizadas em 02 de dezembro, Dutra – apoiado pelo Partido Social Democrático (PSD) e pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ambos criados por Vargas – derrotou Eduardo Gomes para a presidência da República.

O município de Cambará possuía um Diretório da UDN presidido por Otávio Rodrigues Ferreira, chefe político da cidade, e os correligionários estavam apoiando a candidatura de Eduardo Gomes com demonstrações de civismo e com a organização de um comício, dados que podem ser comprovados pelo mesmo periódico aqui analisado. Desta forma, a campanha política selecionada vai demonstrar como os itens lexicais

conseguem ativar os aspectos cognitivos da referenciação, a fim de que o interlocutor possa sentir-se motivado a escolher o candidato que melhor represente o mais alto posto da democracia brasileira da época.

Conforme explicitado no subitem acima, passaremos ao estudo das estratégias de referenciação textual encontradas nos fragmentos selecionados. Optamos por elencar os exemplos das estratégias enumerando os itens lexicais por linhas. Importante destacar que a escolha em manter as regras ortográficas deu-se por motivos de preservação do contexto e do sentido do texto.

Figura 1: Recorte da Secção Livre do Cambará Jornal.



Fonte: Cambará Jornal, 19 de agosto de 1945, [s.p.].

Os textos publicados primam pela lexicalização, apresentando variedade dos recursos referenciais. Há retomadas explícitas de antecedentes por meio de diferentes sintagmas nominais, facilmente observadas nos fragmentos selecionados.

O título “Meus conterrâneos e amigos” atrai a atenção do leitor, pois traz a ideia de intimidade e relacionamento com o escritor do texto, a saber, Arthur Bernardes, já apresentado anteriormente. Ao longo do texto,

será estabelecida a seguinte relação: locutor (Arthur Bernardes), interlocutor (cidadão) e mensagem (mandos e desmandos do governo da época).

Por se tratar de um texto fortemente persuasivo, enquadrado no gênero textual propaganda política, primou por uma seleção lexical que direcionasse o eleitor cambaaraense a escolher o candidato Eduardo Gomes como futuro presidente do Brasil. O primeiro parágrafo evoca na mente do leitor um espaço mental de prisão, ao mencionar que o Estado e o País estão entregues às “mãos criminosas dos mãos [*sic*] brasileiros” (l. 4 e 5). Há retomada dos referentes Estado e País por meio do uso da expressão nominal definida em “os têm desgraçado” (l. 5).

O segundo parágrafo abre novo espaço mental na construção textual – ideia de privação – ao enumerar itens básicos para a sobrevivência humana que estavam inacessíveis aos cidadãos, dado o valor exorbitante que vinha sendo cobrado pela gestão governamental. O uso da 2ª pessoa do plural, do tempo presente, do modo indicativo do verbo *ter*, aliado ao advérbio de negação forma a expressão “Não tendes” (l. 6-7); e a adição dos sintagmas nominais (substantivos) à conjunção aditiva “nem” comprovam a escassez dos víveres (l. 8-9).

A linha 13 e a linha 17 trazem o uso das expressões nominais indefinidas “quasi tudo isso” e “tudo”, que retomam os termos anteriormente citados: “vida barata”, “gasolina”, “cimento”, “açúcar”, “sal”, “querozene”, funcionando como anáfora associativa, ou seja, as descrições estão ancoradas nos pronomes indefinido e demonstrativo, favorecendo a manutenção do discurso.

Dando continuidade à nossa análise, há reativação da imagem mental de um governo usurpador na linha 13: “presas em mãos de gananciosos agentes do governo”. Podemos retirar do mesmo parágrafo alguns exemplos dos recursos de retomada pronominal e de do uso de expressões nominais definidas: “matam-vos á fome e vendendo-vos (...)” (l. 16), “só vos dão impostos (...)” (l. 20), “vos empobrecem” e “vossas famílias” (l. 23), “vossas propriedades” (l.24), “vossas esposas e vossos filhos” (l. 26) – o pronome pessoal de 2º pessoal do plural *vos* e o pronome possessivo de 2ª pessoa do plural *vosso* e suas respectivas flexões referem-se ao povo, ou, melhor dizendo, aos amigos e conterrâneos. Em “suporta-los” e “Eles” (l. 22), há retomada pronominal do item lexical “impostos”.

O terceiro parágrafo mantém as retomadas pronominais e reforça o espaço mental da tirania governamental ao discorrer que os atuais governantes deviam ser afastados, pois não havia “embaraço algum diante de si,

sem leis, sem poder legislativo que os fiscalize” (l. 29-30). O sofrimento popular também é reativado por meio da retomada pronominal em “não tem cobertores para se cobrir, nem pão para suas famílias (...) reduzir nossa terra” (l. 32-33).

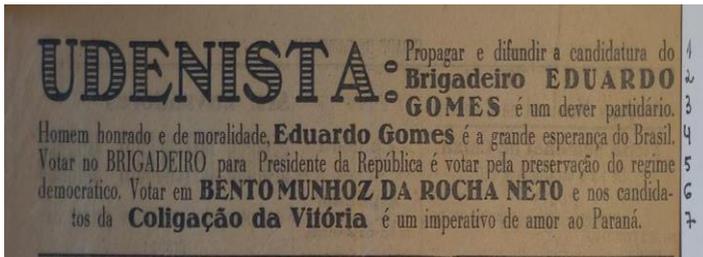
Arthur Bernardes conclama o povo a tomar uma atitude responsável e a votar contra o candidato apoiado pelo então Presidente da República, Getúlio Vargas. A solução para a democracia brasileira, ou seja, a melhor arma que o povo tinha nas mãos, a fim de não continuarem “perdidos, não se sabe até quando” (l. 36-37), seria que o candidato Brigadeiro Eduardo Gomes fosse eleito.

A coesão textual é estruturada por meio dos verbos no imperativo afirmativo e negativo, respectivamente – “alístai-vos” e votai” e “não acrediteis” (l. 40 e 42). Há retomadas pronominais em: “vos defenderdes” (l. 41) (retomada ao povo), “as fazem tantas e cumpri-las” (l. 43) (retomada às promessas).

A última convocação utiliza da estratégia de uso de expressões nominais definidas: “os Governos, do Município, do Estado e do País” (l. 45-46).

O segundo fragmento selecionado para esta pesquisa conta com a aplicação predominante do uso de descrição definida ou de expressões nominais definidas para ressaltarem as excelentes qualidades que o candidato Eduardo Gomes possuía. O referente é introduzido por meio da expressão “a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes” (l.1-2), que é retomada pelas expressões “a grande esperança do Brasil” (l. 4) e pelo uso da expressão nominal indefinida “um imperativo de amor ao Paraná” (l. 7).

Figura 2: Recorte da propaganda de campanha do Brigadeiro Eduardo Gomes.



Fonte: Cidade de Cambará, 20 de agosto de 1950, [s. p.].

4. Considerações finais

O conhecimento linguístico faz parte da cognição e não é possível estudar a linguagem sem considerarmos os aspectos cognitivos envolvidos na interação linguística. É necessário ativar, por meio das entidades linguísticas, os diferentes processos que envolvem a produção e a compreensão de textos e os vários conhecimentos internalizados, construídos socialmente, associando-os aos níveis cognitivo, pragmático, discursivo e gramatical.

Restou claro, ao concluir a análise textual pretendida, que a construção dos referentes e a construção do próprio sentido dos textos é um processo que perpassa múltiplas ancoragens, ou seja, as entidades linguísticas adquirem significação plena ao correlacionarem os diferentes espaços mentais ativados na memória do interlocutor.

Os textos selecionados basearam a escolha dos pressupostos teóricos percorridos ao longo desta pesquisa, já que pudemos recolher diversos recursos de referência que apresentam, confirmam ou alteram os objetos de discurso nas trilhas de sentido que se abrem ou se fecham. Tais estratégias são responsáveis pela manutenção da progressão textual, de forma variada e dinâmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M.L.L. Viver é uma forma de enferrujar: estudo de anguladores em semântica cognitiva. In: VALENTE, A. (Org). *Língua, linguística e literatura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 253-260.

BERNARDES, A. Meus caros conterrâneos e amigos. *Cambará Jornal*, ano 3, n. 142, [s.p.], Cambará, 19 ago. 1945. Seção Livre.

CAVALCANTE, M. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, I.V.; MORATO, E.M.M.; BENTES, A.C. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 125-149

CORDEIRO, I. C. *Mente corporificada: mapeamento do conceito*. 2022. 25 slides. Disponível em: Acesso em 09 jan. 2023. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/2/#inbox/FMfcgzGqPzJRgPjZdJkvzPLQKQLLcLKn?projector=1&messagePartId=0.2>. Acesso em: 10 jan. 2023.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo, EDUC – PUC, 2002.

JOHNSON, M. *The meaning of the body: a esthetics of human understanding*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2007.

KOCH, I. G. V. A referenciação como atividade cognitiva e interacional. *Boletim da ABRALIN*, v. 26, número especial, p. 81-85, 2001.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Cognição e produção textual: processos de referenciação. In: II Congresso Nacional da ABRALIN. 1999, *Anais...*, Florianópolis: UFSC, 1999. p. 1-17

MIRANDA, N.S. *A configuração das arenas comunicativas no discurso institucional: professores versus professores*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2000.

TEIXEIRA, C. de S. A referenciação textual numa abordagem cognitiva. *E-scrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, Nilópolis, v. 1, n. 2, mai./ago. 2010. Disponível em: https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/28/pdf_18. Acesso em: 10 jan. 2023.

UDENISTA. *Cidade de Cambará*, Cambará, ano 2, n. 28, s.p., 20 ago. 1950.